



ANPEd - Associação Nacional de Pós-Graduação e Pesquisa em Educação

12010 - Resumo Expandido - Trabalho - XXVI Encontro de Pesquisa Educacional do Nordeste – Reunião Científica Regional Nordeste da Associação Nacional de Pós-Graduação e Pesquisa em Educação – ANPEd Nordeste (2022)

ISSN: 2595-7945

GT02 - História da Educação

Homeschooling: nova modalidade de ensino ou eco de um passado conservador?
 Alexandre Pereira Mérida - UERJ - FFP - Universidade do Estado do Rio de Janeiro
 Agência e/ou Instituição Financiadora: CAPES

Homeschooling: nova modalidade de ensino ou eco de um passado conservador?

A história da educação brasileira pode ser considerada a história de contradições onde percebe-se uma certa letargia nos processos de constituição de sua formalidade e execução. No início da colonização foi delegada a igreja e pouco incentiva, foram as ordens religiosas que assumiram o papel de fornecer uma pouca e esparsa educação para os filhos dos colonizadores, tendo destaque nessa ação os jesuítas, beneditinos e franciscanos. Somente com a vinda da família real para o Brasil em 1808 que foram implantadas ações mais contundentes para sanar o abismo entre a educação oferecida aqui e a desenvolvida em Portugal antes do êxodo forçado da nobreza, e mesmo assim, somente para privilegiar os que aqui chegaram. Foram abertos cursos de direito, medicina, engenharia entre outros. Mas, nada foi feito em relação a educação da população como um todo, os mais abastados pagam professores particulares e preceptores os demais seguiam vivendo suas vidas. Somente com a promulgação da primeira Constituição brasileira que a situação começa a mudar de forma lenta.

O objetivo desse trabalho é discutir o ensino domiciliar, também chamado de homeschooling, verificando seu aparecimento em nossa sociedade ainda no período colonial para suprir a falta de instrução em colégios e escolas públicas, quase inexistentes no período. Como argumenta Villalta (1997):

No período colonial, os pais, desejosos de garantir a instrução dos filhos tiveram eles próprios que o fazer, ou que se socorrer nos préstimos de parentes e capelães, ou

ainda, que contratar mestres para lhes ensinar, em especial, as primeiras letras. A instrução na Colônia, processava-se, assim, em grande parte, no âmbito privado, preenchendo o vazio da escola pública e semipública, inexistente ou escassa [...]. (p. 357).

Ao longo do período imperial, mesmo com a criação de colégios particulares e o oferecimento de instrução pública a educação doméstica permaneceu como uma estratégia da elite para educar seus filhos e filhas e, dessa forma, mantê-los afastados da educação pública e particular observadas como locais perigosos para a moralidade de seus membros.

De acordo com Gondra e Schuler (2008),

Para a elite intelectual, religiosa e proprietária, as tecnologias de autodisciplina não se restringiam à construção e legitimação do internato, pois estas também educavam no espaço privado, recorrendo a contratação de preceptores e preceptoras, definindo, no próprio núcleo privado, a sociabilidade desejada para a prole, a ponto de dotá-las de signos de distinção, equipando-a para manter e reproduzir o capital material e simbólico de suas ordens (p. 123).

Dessa forma a educação ofertada na casa aos filhos da elite tinha como um dos objetivos fornecer distinção e, também, perpetuar a desigualdade social e cultural que havia entre as diferentes classes sociais no período colonial e imperial. A escola era vista como local perigoso onde diferentes metodologias eram usadas, além de não propiciar um controle direto dos pais sobre a aquilo que estava sendo ensinado do espaço escolar. Algo que ressurge na realidade brasileira com perseguições a professores e professoras vistos como “doutrinadores” ou “comunistas” por uma parcela conservadora da sociedade que encontrou voz na pessoa do presidente da república. A extrema direita tem procurado minar as parcas conquistas no âmbito da educação conquistadas ao longo de muitas décadas e lutas, estamos longe do ideal, mas é preciso lutar para manter nossas conquistas.

Conhecer a educação doméstica ocorrida, principalmente, na segunda metade do século XIX, pode corroborar para o entendimento dos sentidos dados ao homeschooling na atualidade e como esse discurso é acionado para fazer distinção social e cultural entre os membros da sociedade, visto ser necessário ter acesso a uma série de insumos materiais e imateriais para fornecer um ensino domiciliar de qualidade, algo inviável para grande parte da população brasileira que precisa trabalhar para sua subsistência não havendo recursos para investir nessa modalidade de educação, que por sua própria essência acabará privilegiando os mais privilegiados socioeconomicamente, assim como aqueles que detêm um bom capital cultural. O capital cultural aqui evocado é aquele discutido por Bourdieu em seus textos.

Não significa afirmar que a educação ou ensino domiciliar de nossos dias seja um resgate da educação doméstica do século XIX, ao contrário, as relações políticas, econômicas, sociais e religiosas são outras, contudo, olhar para o passado pode nos esclarecer muito sobre as relações que ocorrem no presente, além de servir de ponderação para se perceber as diferentes temporalidades que podem existir em um mesmo recorte de tempo. Como bem demonstrou

José de Souza Martins em seu texto *As hesitações do moderno e as contradições da modernidade no Brasil*. “A modernidade se apresenta, assim, como máscara para ser vista. Esta mais no âmbito do ser visto do que no do viver [...]” (2012, p.35). Vive-se diferentes temporalidades no mesmo recorte de tempo, por isso é possível perceber o crescimento rápido do conservadorismo e a aceitação de ideias ditatoriais por parte da população brasileira.

Esse trabalho terá como ponto de apoio a pesquisa bibliográfica e documental visto se utilizar de diferentes documentos produzidos sobre a temática, assim como dos apoio bibliográfico de outros autores que se debruçaram sobre a educação doméstica e o homeschooling. As considerações levantadas por Michel Foucault sobre a análise do discurso também servirão de apoio e crítica, visto serem esses discursos que irão se impor de diferentes maneiras responsáveis por nossas “verdades”. Será usado o jornal O Monitor Campista para averiguar a modalidade de educação domiciliar, assim como, verificar os saberes requeridos para esse fim e os objetivos almejados para a educação de meninos e meninas em casa e sob a tutela de mestres e mestras.

Em 21 de fevereiro de 2019 o Homeschooling entrou em cena pública com o anúncio da ministra da Mulher, da Família e dos Direitos Humanos, Damares Alves, que divulgava à época a construção de um Medida Provisória com o intuito de garantir a possibilidades de pais educarem seus filhos em casa durante toda Educação Básica. O que de fato ocorreu em 17/04/2019 com a apresentação da PL nº 2401/2019 de autoria do Poder Executivo que “Dispõe sobre o exercício do direito à educação domiciliar, altera a Lei nº 8.069, de 13 de julho de 1990 - Estatuto da Criança e do Adolescente, e a Lei nº 9.394, de 20 de dezembro de 1996, que estabelece as diretrizes e bases da educação nacional” (BRASIL, 2019). Esse foi apressado ao Projeto de Lei nº 3.179/2012, de autoria do deputado Lincoln Portela, que versa sobre o mesmo tema. Chama a atenção que o PL nº 2401/2019 tenha sido apresentada não pelo Ministério da Educação sob comando à época por Ricardo Vélez Rodríguez e sim, pelo Ministério da Mulher, da Família e dos Direitos Humanos. Tal desordem nas atribuições de deveres e responsabilidades parece ser uma marca do atual governo.

Percebe-se que as políticas ligadas à educação não são direcionadas segundo o interesse da maioria e, sim, segundo os interesses privados de um grupo elitista de base religiosa que apoia o atual presidente da república e por ele é apoiado, num movimento que contraria o estado democrático de direitos e das pesquisas educacionais que apontam a escola como lócus da construção de um pensamento crítico e autônomo, além de colocar em risco a segurança de crianças e adolescentes que tutelados por seus pais ficarão a mercê de seus julgamentos, podendo não haver diversidade de pensamento e conflito de ideias.

O intuito dessa pesquisa não é condenar ou absolver o homeschooling e, sim, colocar em debate todo o processo político por traz desse movimento e os possíveis equívocos caso a lei seja aprovada, sancionada e regulamentada pelo atual governo. Num país de grandes desigualdades sociais, cuja a escola carece de investimentos público, professores de qualificação profissional e crianças de uma alimentação saudável que corrobore uma boa

aprendizagem, parece-me contrassenso discutir essa temática sem que outras mais importantes e interesse de uma grande parte da população ainda não foram solucionadas. Faz-se necessário pensar que a história não é um processo fácil e tão pouco almeja trazer à tona verdades imutáveis, visto que as verdades em história sempre são transitórias. Como nos esclarece Jenkins(2001),

A história é um discurso cambiante e problemático, tendo como pretexto um aspecto do mundo, o passado, que é produzido por um grupo de trabalhadores cuja a cabeça está no presente (e que em nossa cultura, são na imensa maioria historiadores assalariados), que tocam seu ofício de maneiras reconhecíveis uns para os outros (maneiras que estão posicionadas em termos epistemológicos, metodológicos, ideológicos e práticos) e cujos os produtos, uma vez colocados em circulação, veem-se sujeitos a uma série de usos e abusos que são teoricamente infinitos, mas que na realidade correspondem a uma gama de bases de poder que existem naquele determinado momento e que estrutura e distribuem ao longo de um espectro do tipo dominantes/marginais os significados das histórias produzidas (p. 52).

Dessa forma ao se pensar a história da educação e, em específico, a educação doméstica do século XIX e suas possíveis leituras na atualidade através do Homeschooling há de se ter o cuidado de não buscar soluções ou respostas em definitivo, mas apontar caminhos possíveis, para que a educação pretendida possa ser vivenciada por alunos e alunas na transformação de mentalidades, onde a autonomia de pensamento seja favorecida através do questionamento do passado e da análise do presente. Perceber o homeschooling como um movimento que traz em si ecos de um passado conservador e sexista pode ser uma alternativa para pensar a sua viabilidade em nossa sociedade.

Palavras chaves: Educação, educação doméstica e homeschooling.